

ROMANCE DO JOÃO DA GAITA

Apparício Silva Rillo

Sempre a tocar o cavalo
 João da Gaita se criou.

Nem sabia o que buscava
 - se estrela, estrada,
 horizonte.

Andava como os arroios
 que desprendidos da fonte
 procuram seu próprio curso
 pelos acasos do chão.

O claro clarim dos galos
 cada nova madrugada
 já o encontrava encilhando
 para a invenção de outro
 rumo.

E as nazarenas cantavam
 em contraponto aos cochichos
 - elas também dois galitos
 armados em couro e prata,
 com esporões de treze pontas
 sonorizando as manhãs.

Quando a noite era mais clara
 e o caminho parecia
 um longo rio preguiçoso
 entordilhado da lua,
 João da Gaita e seu cavalo
 lembravam, pelo perfil,
 um barco a vela fugindo
 pelas pratas deste rio ...

Se alvorotavam as estâncias
 quando o gaudério chegava
 no seu jeitão despachado
 de índio caminhador.
 Na garupa a oito-baixos
 que só faltava falar,
 e na garganta as notícias
 do mundo velho largado
 por onde houvera cruzado
 na sua sina de andar.

Eram novas de peleias,
 de mercancias e cambichos,
 de sucessos em bolichos,
 conchas de tava e carreiras,

e tudo à sua maneira
 de entender o assucedido,
 filosofando comprido
 como um rábula sabido
 em tricas de tribunal.

À noite, rente do fogo,
 o andarengo abria a gaita
 como quem abre um missal.
 Oficiante extraordinário
 que das pautas do hinário
 só repicava aleluias
 para o concerto ritual.

Quando estirava os dois
 braços
 abrindo os foles da gaita,
 o celebrante do ofício
 recordava Jesus Cristo
 no lenho do sacrifício
 no seu Dia da Paixão...

E o fogo bordava rendas
 no bastidor estirado
 do santa-fé do gaipão.
 E a cuia fazia roda
 na ciranda centenária
 da volta do chimarrão.
 E a gaita velha chorava
 que nem china candongueira
 que enfrenou para carreira
 o flete do coração.

Cantava o primeiro galo.
 Mais um mate, e o andarengo
 sentava os recaus no pingo
 para a jornada do dia.

Quando o sol aparecia,
 João da Gaita, lá da estância,
 lembrava, já mui longito,
 no pala branco abanando
 algum joão-grande voando
 na direção do infinito ...

Um dia, no pampa largo,
 clarins de guerra tronaram

chamando à revolução.
 Pelas estâncias e vilas
 caudilhos juntavam gente
 pra o entrechoque iminente
 jogando irmão contra irmão.

João da Gaita, o andarengo,
 mesmo pouco percebendo
 qual o sentido da luta
 também foi na reculuta
 como vaqueano da tropa.

Quando os caudilhos gritavam
 pela coragem dos tebas,
 nas cargas de espada e lança
 os cascós da cavalhada
 multiplicavam tambores
 no couro tenso do chão.

Era a luta - transformando
 cada local de combate
 num campo-santo onde as
 cruzes
 eram o "esse" das adagas
 espetadas contra o céu.

Nos fogões de acampamento,
 pelos alces dos combates,
 a velha gaita se abria
 num responso varonil.

E a indiada lembrando bailes,
 surungos de trocar passo,
 ia marcando o compasso
 na coronha do fuzil.

E João da Gaita pensava
 olhando as mãos nas hileiras
 que aquelas manoplas largas
 por tempos de paz e guerra
 tinham distinta função.
 Pelos combates e encontros
 empunhando adaga e lança,
 semeando a destruição,
 e nos descansos da luta
 puxando a gaita manheira
 nas comunhões de alegria

das rodas de chimarrão.

La fresca, não entendia
por que sina Deus lhe dera
duas funções tão distintas
para o mesmo par de mãos.
Porque a lo largo entendia
que pelear estava errado
quando no campo da luta
justava irmão contra irmão.

- Ah, se pudesse algum dia
ver a querência irmanada
sem que faltasse nenhum
num grande baile comum
à sombra de uma ramada
E ele de gaita estirada
que nem cobra em ressolana,
compassando a meia-canha
das polcas de relação ...

Lá um dia percebeu,
para o seu entendimento
de índio meio bagual,
que o que chamavam "ideal"
era apenas, bem pensando,
ambição pura de mando
dos chefões da capital.

... daqueles que concitando
a gauchada ao combate
ficavam tomando mate
peleando só por jornal...

... desses que sonham, afinal,
por chegar de qualquer jeito,
seja forçando um direito,
seja quebrando um acordo,
ao saleiro de boi gordo
da governança estadual.

Numa noite muito escura
atou a gaita nos tentos
e, pingo pelo buçal,
largou-se do acampamento
três horas antes do dia
para mandar-se a la cria
direito à Banda Oriental.

Desertor? Talvez o fosse,
fazia pouca questão.
Mas desertor por consciência,
ficasse bem entendido
- soldado não é bandido
para abater um amigo
só porque manda o chefão...

Nunca mais se soube dele,
porque nunca mais voltou.
Quem sabe pra não ouvir
pelas charlas de galpão
a tristeza dos assuntos
lembrando os louras defuntos
sacrificados em vão.

Quem sabe pra não ouvir
sua história mal contada
por quem jamais a entendeu.
Por quem apenas colheu
de um gesto todo razão
a mentirosa aparência
de ter negado a querência
como covarde e fujão...

Morreu, decerto, sem ter
realizado o seu sonho,
que é a impossível miragem
dos puros de coração:

Ver a querência irmanada
sem que lhe falte nenhum
num grande baile comum
à sombra de uma ramada ...